

190 *Tendências / Debates*

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

A identidade cultural e o brasileiro (1)

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Sempre manifestei, tanto no meu ensaio "Aspirações Nacionais" como em "Brasil e África: Outro Horizonte" ter formação nacionalista despida de preconceitos racistas e étnicos. O brasileiro é um produto de cultura de raça, e tanto assim que escrevi que éramos um enxerto de gente de origens diversas. O brasileiro foi conquistando, mantendo, aventurando por caminhos desconhecidos.

Assim foi a obra bandeirante — a maior do Brasil — feita por mestiços de branco e índio, que falavam tupi até o último terço do século dezoito. Formamos inicialmente uma população de índios, portugueses e negros, o primeiro e o último de grupos diferentes, falando línguas diferentes. A vitória da língua portuguesa foi obra de três séculos, como escrevi em longo ensaio em *Humanidades*, revista da Universidade de Brasília (vol. 1, nº 4, julho-set. 1983).

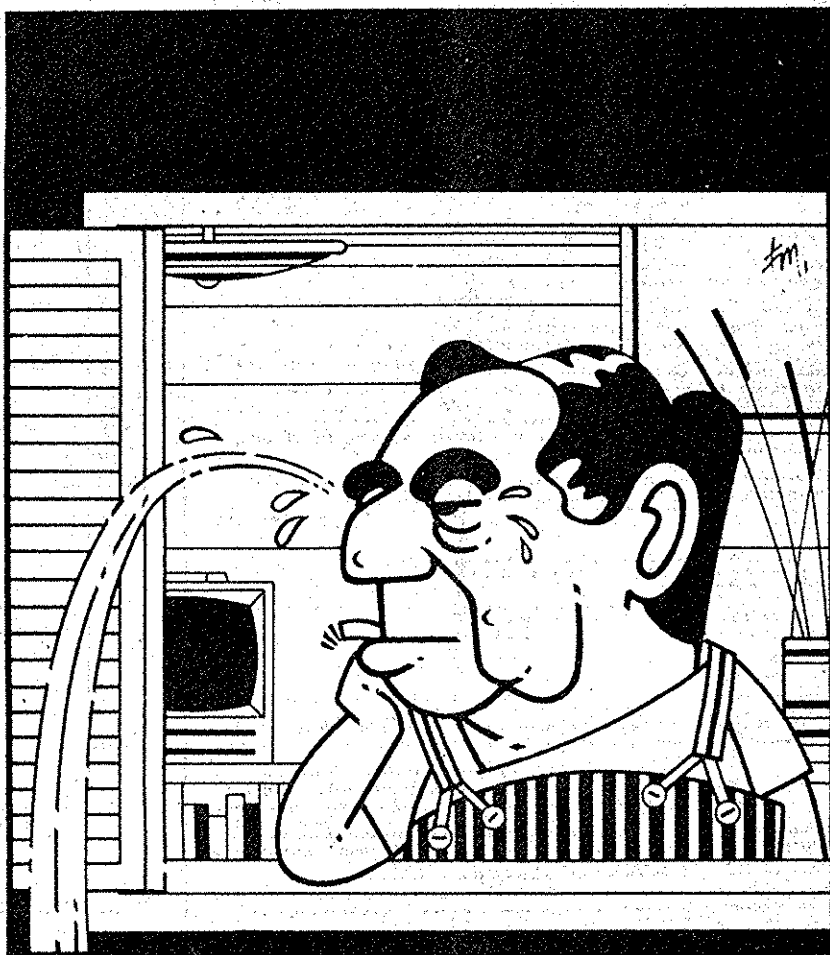
Nunca houve no Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, minorias raciais e culturais, com especificidade própria e reivindicações autônomas. O povo brasileiro foi sempre dividido por uma minoria dominante e uma maioria sangrada, capada, vilipendiada. Como acentuou nosso maior demógrafo, Giorgio Mortara, não somos um povo constituído de imigrantes como os Estados Unidos. Só vieram para o Brasil 5 milhões de imigrantes, dos quais um milhão e meio voltou para suas pátrias. A nossa população cresceu devido à fecundidade feminina, que sobrepujou a mortalidade, sempre inferior à natalidade.

Se somos um povo mestiço, cultivamos a tolerância, e abrandamos os preconceitos raciais. As lutas indígenas — a chamada guerra contra os bárbaros (1683-1710) — e as lutas negras não foram raciais, foram culturais, isto é, foram devidas às diferenças de modos de vida, de costumes, de alimentação, de modos de produção, fatores espirituais e econômicos que diferenciam grupos sociais.

Procuramos descobrir uma base, que não a raça, sobre a qual anseios contraditórios pudessem ser sintetizados para expressar o que se sabia e se sentia, o que se pensava e se necessitava, de tal modo que se pudesse fazer algo, como um todo, fruto de uma experiência indiscutivelmente fragmentada e fracionada.

As armadilhas trágicas que o povo brasileiro sofreu foram frutos dos privilégios e da ganância da minoria dominante. Mas sempre soubemos transcender as identidades raciais, no sentido amplo e aberto, substituindo-as pela identidade cultural. Sempre fomos uma síntese de antíteses evidentes e mais um esboço de algo mais complexo que negro e branco e dos meados do século passado, mais do que vários ganhos étnicos que aqui vieram conviver conosco.

Mas a separação de classe é tão grande que superou as diferenças raciais, e grupos étnicos minoritários ficaram pertencendo à grande maioria e não à minoria dominada. Foi muito



difícil entrar nessa minoria dominante não somente para grupos raciais, mas mesmo para facções nacionais. O Poder foi sempre um círculo de ferro que às vezes, para atender a seus interesses dominadores, abriam para a entrada de um ou outro que se destacara pelos seus valores intelectuais ou técnicos, ou de qualquer outra categoria que pudesse ameaçar ou pôr em risco a dominação da minoria.

Tal qual como os países dominantes. Quando o capitalismo chegou ao seu apogeu fechou-se, nos fins do século passado, e a Alemanha e o Japão precisaram fazer várias guerras para conseguirem fazer parte das sete nações que fabricam o destino mundial.

Assim foi no Brasil, que apesar de sua extensão, sua enorme população nacional na sua grande maioria, e riquezas, não consegue senão igualar-se aos países do Terceiro Mundo, periféricamente capitalista, mas subordinado aos interesses estrangeiros.

Cada cidadão brasileiro procura aproximar-se dos ideais da Nação, atendendo aos termos relacionados com toda sua diversificação, e trazendo em si mesmo os princípios da identidade cultural brasileira.

Tudo isto à custa de muitos erros e sofrimentos, e tudo é um produto de cultura e não da raça; para alcançá-lo foi necessário que indivíduo por indivi-

duo, fosse qual fosse, nacional, mestiço das etnias originais, ou de etnias novas, alguma com menos de um século, fizesse sua parte.

A emigração finou praticamente no Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, quando a riqueza dos povos europeus atraiu os naturais dos países mais pobres para suas terras, abandonando as originais.

Mas os que vieram para aqui, sofreram influências culturais muito mais complexas do que supomos. As identidades pessoais permitiram a alguns partilharem, mais ou menos, da complexidade histórica do País, bem como de sua cultura. Nem todos aprenderam a conviver com contradições, frustrações e dúvidas.

Nem todos, lembrando o sentido trágico da vida de Miguel de Unamuno, sentiram o desespero, que gera a esperança heróica, a esperança absurda, a esperança louca. Ficamos sendo culturalmente um povo de desesperados, mas ainda assim identificados culturalmente, mantendo firme e segura a identidade cultural, apesar de toda a diversidade pessoal, a variedade étnica, e só isso, sintetizando tudo no nosso próprio âmago, nos fez brasileiros.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES é historiador, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.